



GOMES, Maria João; ROSA, Flávia (Org.). **Repositórios institucionais**: democratizando o acesso ao conhecimento. Salvador: EDUFBA, 2010.

Kelma Patrícia de Souza

Maria João Gomes é Doutora em Educação pela Universidade do Minho (UM) – Portugal. Atualmente é professora auxiliar do Departamento de Estudos curriculares e Tecnologia Educativa da Universidade do Minho. É diretora da revista eletrônica de acesso livre *Educação, Formação & Tecnologias* e membro do conselho de redação da *Revista Portuguesa de Educação*. Foi dinamizadora do processo de integração do centro de Investigação em Educação no repositório institucional da UM.

Flávia Rosa é professora adjunta, mestra em Ciência da Informação pela UFBA (2006) e doutoranda em Comunicação pelo Programa Multidisciplinar de Pós-graduação em Cultura e Sociedade (FACOM/UFBA). É uma das organizadoras do livro *Implantação e gestão de repositórios institucionais: políticas, memória, livre acesso e preservação* (2010, editora da UFBA).

O livro organizado por Gomes e Rosa esta disponível também no formato eletrônico, através do link <https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/616/3/Repositorios%20institucionais.pdf>, são 208 páginas, onde dez colaboradores abordam em sete capítulos informações sobre a construção, o desenvolvimento e a importância dos repositórios institucionais para a democratização do acesso aberto ao conhecimento.

A obra é uma excelente fonte de consulta para todos que desejam implantar ou aperfeiçoar o repositório institucional (RI) em suas instituições, relata as restrições que existiam e, que ainda existem em relação à disponibilização de produções científicas com acesso aberto, bem como todo processo de desenvolvimento do RepositoriUM, o repositório institucional da Universidade do Minho, atualmente referência mundial.

Flávia Rosa e Maria João Gomes descreveram historicamente o percurso da comunicação científica desde as restrições ao acesso livre. A comunicação científica iniciou no século XVII e o principal canal de comunicação foram as cartas. Com o advento da

internet, no final dos anos 80, a comunicação científica foi difundida também no formato digital.

Atualmente os RIs são importantes ferramentas de difusão das produções científicas, atingindo pesquisadores, comunidades acadêmicas e toda a sociedade. Os RIs também se destacam pela grande visibilidade das instituições que investem na produção do conhecimento.

Ao observar o potencial e a importância de um Repositório Institucional para qualquer instituição, a Universidade do Minho, em Portugal, investiu arduamente na construção deste produto, denominado RepositóriUM – Repositório Institucional da Universidade do Minho (UMinho). O projeto iniciou em 2003, Eloy Rodrigues conta a trajetória, a iniciativa e os obstáculos encontrados pela comissão UM para a criação do mesmo, que hoje se destaca como referência e fonte de inspiração.

A plataforma escolhida pela UM foi o DSpace, <http://www.dspace.org>.

Após a criação iniciou-se um processo de concretização e afirmação, para o projeto se estruturar e ter consistência foi realizado uma divulgação exhaustiva entre as unidades acadêmicas, solicitando a participação das mesmas por meio do autoarquivamento. Uma das formas de estímulo às unidades acadêmicas foi um aporte financeiro para as unidades de acordo com o número de documentos arquivados, o incentivo foi distribuído até o ano de 2006.

Alguns pontos cruciais foram destacados para o sucesso do RepositóriUM, tais como: foco, participação coletiva, troca de experiências com outros projetos, coragem, persistência, imagem, visibilidade, envolvimento institucional, entre outros.

No Brasil, a primeira iniciativa de divulgação da produção científica com acesso aberto foi do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT) com a criação da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD).

Hélio Kuramoto abordou algumas experiências na criação de RI pelas universidades e instituições de pesquisa brasileiras.

Com a experiência da BDTD o IBICT apresentou condições técnicas de propor, em 2005, um novo projeto, o Portal de Publicações de acesso Livre (PCAL), ainda em desenvolvimento, o mesmo objetiva também desenvolver uma rede de RI semelhante à BDTD, sendo que cada instituição é a responsável pelo seu produto. Inicialmente o IBICT fez

uma parceria com a Universidade de Brasília (UNB) para construção do RI desta Universidade.

Kuramoto considera que o grande desafio na implantação de RI é menos tecnológico e mais político.

A interoperabilidade entre repositórios digitais foi descrita por Ana Alice Baptista, a interoperabilidade é consequência da falha na utilização das linguagens de comunicação, dos protocolos utilizados. A autora destacou que o grau de interoperabilidade depende do grau de obediência das normas.

Houve um estudo sobre a metodologia, os resultados e as recomendações dos repositórios institucionais, e, Elisabete Paula Cardoso e Ana Alice Baptista, apresentam esse estudo que objetivou identificar recomendações para serem incorporadas às políticas sobre RIs.

Os resultados mais relevantes apontaram que ainda há pouco conhecimento e motivação de uso dos RIs, e, que os mesmos não são diretamente usados para pesquisa. Concluiu-se também que o interesse institucional em relação aos repositórios sobressai aos interesses dos pesquisadores.

José Carvalho, João Mendes Moreira, Eloy Rodrigues e Ricardo Saraiva apresentaram a origem, a evolução e os desafios do Repositório Científico de Acesso Aberto de Portugal (RCAAP), <http://www.rcaao.pt>, o projeto iniciou em 2008 com os objetivos de: aumentar a visibilidade e difundir a produção científica portuguesa, facilitar o acesso à produção científica e integrar Portugal internacionalmente. O RCCAP integra os RIs das instituições científicas e de ensino superior de Portugal, e, para que haja integração entre eles, foi desenvolvido o validador de repositórios, <http://www.validador.rcaap.pt>, que valida os metadados e os ficheiros.

O RCCPA em poucos anos ganhou visibilidade e reconhecimento nacional e internacional.

Um estudo sobre a utilização do RepositoriUM, dos promotores aos utilizadores, é apresentado por Flávia Rosa e Maria João Gomes. É inegável que a adoção de RIs está crescendo, consideravelmente, em todos os países, por aumentar a visibilidade dos produtores e das instituições, porém falta maior participação dos produtores por meio do autoarquivamento.

A Universidade do Minho foi a primeira instituição mundial de língua portuguesa e uma das primeiras da Europa a implantar o seu RI.

O movimento de acesso livre chegou para modificar o modelo de comunicação científica.

Os maiores contribuintes do RepositoriUM são pesquisadores, sendo que a minoria afirma que efetua o autoarquivamento pontualmente. Os depositantes são na sua maioria incentivados pelas políticas das unidades e a maioria deles indica o RepositoriUM a seus pares, sendo que grande parte utiliza o serviço como ferramenta de pesquisa.

O usuários do RepositoriUM, ou seja, aqueles que pesquisam no mesmo, na sua maioria possuem o seguinte perfil: não são autores, possuem faixa etária entre 20 e 30 anos, são portugueses, estudantes de pós-graduação, pertencem a área das ciências sociais, não possuem vínculo com a UM, usam o RI desde 2009, são leitores, pesquisam para preparação textual de suas pesquisas, pesquisam ocasionalmente em função da demanda e o conhecem por meio de indicação de professores.

Diante disso, e, em tempos de RI essa é uma obra que deve ser lida por todos que estão envolvidos direta ou indiretamente com a disseminação da informação.

Informações sobre a Resenhista

Kelma Patrícia de Souza

Bibliotecária Documentalista – Universidade Federal de Uberlândia – Especialista em Biblioteconomia – E-mail: kelma.biblio@hotmail.com



Resenha recebida em 21/11/2013